

Diz Que é Uma Espécie de Programa Apícola

Por **Joaquim Pífano** técnico da ADERAVIS
montedomel@gmail.com

Quase tão desejado como D. Sebastião lá veio o Programa Apícola Nacional (PAN), não tão atrasado mas ainda assim foram oito meses de espera. E como quem espera desespera, no caso do PAN o desespero veio depois de conhecidas as novidades. Ora como se já não bastasse a ginástica que as associações têm de fazer para pagarem 15% do vencimento do técnico e outros custos da assistência técnica, este ano a ajuda para o medicamento é insuficiente para a sua aquisição. Devo recordar que as associações em causa, estatutariamente são-no sem fins lucrativos, pelo que não imagino que engenharia financeira o IFAP pretende que nós façamos para angariar receitas que colmatem os valores em falta.

Este ano, a grande novidade foi a medida 2A do PAN, a Luta Integrada Contra a Varroose. Medida que noutros anos permitia que os apicultores recebessem **gratuitamente** os medicamentos homologados para controlo da Varroose, no valor de três euros por colmeia, ou então e para quem optasse, que os mesmos três euros fossem gastos na aquisição de ceras e quadros, opção que muito ajudava na prevenção das moléstias das abelhas.

No novo programa as coisas estão ligeiramente diferentes, continua a haver a mesma ajuda por colmeia, não sei se o duo IFAP / GPP já decidiu se é de 90% até três euros ou 90% de três euros, pois até ao dia de entrega das candidaturas a esta medida ainda não havia qualquer veredicto. Curiosamente foram essas mesmas entidades que ditaram as regras, excesso de zelo, desleixo ou incompetência?

Certo é que a habitual ajuda que os apicultores recebem por colmeia, este ano não chegou para pagar o medicamento, apesar dos laboratórios terem baixado bastante o valor comercial dos produtos veterinários para a apicultura. Na volta é a dificuldade de negociação das associações que este ano tiveram de adquirir os medicamentos directamente aos laboratórios. Milagres financeiros faziam-nos os serviços oficiais que em anos anteriores e com os medicamentos mais caros conseguiam que estes fossem gratuitos para o apicultor. Vou ficar com estas dúvidas para o resto da vida...

Ressalta daqui outra curiosidade: a ajuda à substituição de quadros e ceras, o apicultor não lhe perdeu o direito, mas só a consegue com a verba que sobrar da aquisição do medicamento. Como a ajuda é de 90% até três euros ou de 90% de três euros e os acaricidas homologados custam entre 3,34 e 3,64€, digam-me lá quanto sobra para ceras e quadros?

Se “optarmos” pelos 90% até três euros e pelo medicamento mais barato sobra:

3,00€- 3,34€= - 0,34€.. ou melhor, não sobra, falta!

A crescer aos 0,34€/colmeia que o apicultor tem de desembolsar pela “ajuda”, ainda há cerca de 0,70€/colmeia de IVA que alguém terá de pagar, o apicultor ou a associação. Quem quiser fazer as contas com “90% de três euros” basta acrescentar 0,30€/colmeia àquele número que já ia gordinho. Claro que este problema apenas diz respeito aos apicultores fora das Zonas Sanitárias Controladas: a grande maioria do território nacional, os que estão inseridos naqueles locais, além de mais um ou dois técnicos apícolas de bónus ainda têm direito a 5,00€/colmeia. Ainda bem que há ajudas assim, importa é que as restantes áreas não sejam tratadas como Latrinas Sanitárias, e que recebam ajudas não tão altas mas ao menos que o apicultor não tenha custos com o medicamento à semelhança de anos anteriores.

Não posso deixar passar a presença de uma terceira entidade além do IFAP e do GPP, que não participando directamente no PAN, sabia as respostas todas e muito ajudou as associações. Aliás,

qualquer dúvida que as associações tivessem no processo de candidatura depressa a resolviam com um telefonema a um dos laboratórios que comercializam os acaricidas. Foram sempre uma presença constante e incansável a motivar os apicultores para a aquisição do medicamento e a alertar para a importância de tratar as colmeias. Eles davam dicas, faziam sugestões, propunham alternativas, enfim, foram incansáveis para que o processo decorresse dentro da normalidade. Foi mesmo muito curioso e até pertinente o interesse demonstrado pelos laboratórios nas candidaturas das associações ao Programa Apícola, fica aqui a minha homenagem...

Quanto às críticas que em tempos fiz à pilha de documentos inúteis e que habitualmente acompanhavam as candidaturas, quase tive vontade de me retractar quando as vi reduzidas a um formulário de duas ou três páginas. Pior foi quando percebi que os ditos formulários pouco mais eram que uma extensa check list que nos solicitava os mesmíssimos documentos do costume e mais alguns. Ainda assim reconheço melhorias no processo.

Para terminar, gostaria ainda de referir dois pormenores (ou serão pormenores?) que poderão ter passado despercebidos no Manual de Candidatura do PAN, onde na capa somos logo brindados com uma majestosa “vespa” pousada numa flor. Não é lá grande coisa como abelha, mas admitamos que é uma vespa bonita, amarela e preta. Isto não é lá muito importante, nem tampouco quero dizer que há desinteresse do Ministério p'l'o sector apícola, estavam só distraídos e o Google por vezes confunde as buscas... vespas, abelhas, são insectos sociais e pronto.

O outro pormenor, esse sim já é um assunto delicado e pouco inocente, na introdução do referido manual, onde são explanados um série de considerandos sobre a apicultura, finalmente vejo reconhecida às abelhas uma importância muito além da produção de mel e da economia:

“Avaliar o sector apícola com base em indicadores económicos directos implica relevar o mesmo para um plano que subestima fortemente a sua importância na produtividade agrícola, na manutenção dos ecossistemas e espaços naturais, no equilíbrio ecológico da flora e na preservação da biodiversidade, ou seja, num aproveitamento integrado e economicamente sustentável do espaço rural”

Só faltava mesmo a cereja por cima do bolo, já que falam em ruralidades, e reconhecer também a **importância social** desta actividade. Seja nas camadas mais idosas onde além de uma forma de ocupação ainda traz alguns cobres para as magras economias familiares, ou pelo menos ilude nesse sentido. Por outro lado, também as camadas mais jovens das zonas rurais poderão ver no sector apícola um forma de ancorar nas terras de origem em vez de migrarem para os grandes centros urbanos.

Ficam duas questões:

Se reconhecem esta importância ao sector apícola porque fazem programas de ajuda nos moldes do PAN – 2008/2010?

Porque razão a Federação dos Apicultores como parte activa do GAPA (Grupo de Apoio ao Programa Apícola) pactua com decisões destas que prejudicam a maioria dos apicultores, nomeadamente na aquisição dos medicamentos?

Comentários em <http://montedomel.blogspot.com> desta vez “arrancou” mesmo!